

CHIBÉ

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

O interesse em conhecer o caminhar a vida das gentes brasileiras levou-me ao vídeo "Famílias isoladas passam fome e bebem água suja para sobreviver em Melgaço (PA)" (23/02/2018), do Câmera Record (CR), um programa jornalístico temático apresentado por Marcos Hummel de Castro.

[Assista o Brasil](#) (7'52")



Dilma dos Santos (do Lar, 28 anos, ribeirinha de Melgaço/PA) só estudou até a 5ª série e foi abandonada pelo marido com a pequenina Ana Vitória de um mês e Gustavo Lima (2 anos). Mora com os pais e sobrinhos em um casebre. *O que mais sonho, quando eles crescerem, é voltar a estudar.*

CR: São lugares com alta taxa de natalidade, onde a educação foi pouco desenvolvida. [...] isolamento econômico, espacial. [...] principalmente, são lugares de ausência do Estado equalizando as oportunidades entre as pessoas no país.

CR: [Dilma] vive com 120 reais do Bolsa-Família. Para receber o benefício, gasta 40 de barco. Dilma: Às vezes não sobra nada. O que trago é o leite dele, uma sopinha, é só.

CR: O que ajuda a aplacar a fome é o "chibé".

Chibé ou Jacuba, segundo o dicionário, é uma "Bebida ou pirão preparado com água, farinha de mandioca e açúcar, às vezes temperado com cachaça; CHIBÉ; GARAPA; SEBEREBA; TIQUARA"

Segundo Gustavo tem gosto de "falinha". Almoço? *A graça de Deus. Não tem nada.* Outras crianças dizem comer chibé por não ter comida. *Quando almoça não janta.* Situação comum no local. *A água é do rio mesmo. Quando dá, coloca hipoclorito de sódio. Às vezes, não tem, e toma assim mesmo. Tá com sede, né?*

CR: Não tem água, não tem banheiro, não tem comida, não tem saúde. O Posto de Saúde (um galpão) tem um Técnico de Enfermagem. Médico, de ano em ano ou de dois em dois anos. O hospital mais próximo a 2 horas de barco.

Maria (21 anos), mãe de três crianças, alimenta a família com caça e pesca mas, muitas vezes, não consegue nada. Para regularizar o Bolsa-Família tem que gastar 200 reais de barco para chegar lá.

CR: A menina de dois anos é alimentada basicamente com leite materno. O saneamento básico chegou a pouco mais de 3% das casas de Melgaço.

CR: Você se sente abandonada?

Maria: Não sei. Acho que não estamos abandonados por causa de Deus.

Agente público: Você vê que essa pessoa sequer percebe que algo está deixando de ser prestado. Ela não sabe a quem procurar, a quem cobrar. Sente que é só ela e Deus.

CR: A família de Eduardo (10 anos) aplaca a fome com maratona diária de pesca e caça. Embrenham-se na mata para colher mandioca.

continua



Eduardo ajuda a colher e limpar a mandioca. Depois, rema no rio para pescar. Diz que já passou fome e que sentia dor no estômago. Responde que não passa mais fome mas que tem muita vontade de comer mortadela. Como vida por assistir alguns minutos da dura vida dos ribeirinhos brasileiros, compreendi o triste ranking. Em 2010, Melgaço/PA posicionava-se em primeiro lugar entre os piores Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-IDHM (0,418 - muito baixo). Esta classificação foi divulgada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD em 2013. O vídeo do Câmera Repórter é de fevereiro de 2018. Melgaço está entre os maiores produtores de açaí do Pará (veja). Segue um lastimável, para não dizer nojento, elenco de razões para a extrema pobreza em que nasceram *Ana Vitória, Gustavo e Eduardo: Hipocrisia do Brasil* que ignora o Brasil; altos índices de analfabetismo e educação sabotada (escolas distantes, de infraestrutura precária, baixa remuneração de professores...); corrupção; exploração no trabalho (escravo, infantil); tráfico e exploração sexual infantil; grilagem de terras, queimadas, substituição por pastos, extrativismo ilegal (garimpo, madeira); dificuldades em se fazer cumprir a responsabilidade social por parte das empresas geradoras de exploração e miséria (p.ex.: cadeias produtivas da madeira, mandioca, cacau, açaí, palmito, castanha, carnes etc); proteção legal e a-ética do sigilo dos que praticam crimes contra as gentes brasileiras; e outras. ■ ■ ■

O IDH, em contraposição ao PIB – que foca na dimensão econômica do desenvolvimento –, visa resumir em um índice (que varia de 0 a 1) três dimensões do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. Nem um nem outro indicador apreendem plenamente a realidade multifacetada do caminhar a vida. O IDH busca continuamente aperfeiçoar o retrato municipal identificando desigualdades e possibilitando elencar prioridades de investimentos. As cidades de nossa irmandade acadêmica (Rio de Janeiro/RJ e Goiânia/GO) estavam juntas, no 45º lugar, com IDH alto (0,799) entre os 5565 municípios brasileiros. Seguindo Melgaço, Fernando Falcão/MA (0,443); Atalaia do Norte/AM (0,450); Marajá do Sena/MA (0,452); e Chaves/PA (0,453) posicionam-se nessa ordem do 2º ao 5º entre os piores IDH. Vale procurar seu município no PNUD, que divulga periodicamente o IDHMunicipal (componentes longevidade, renda e educação), e localizar em que faixa do IDH está classificado.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.